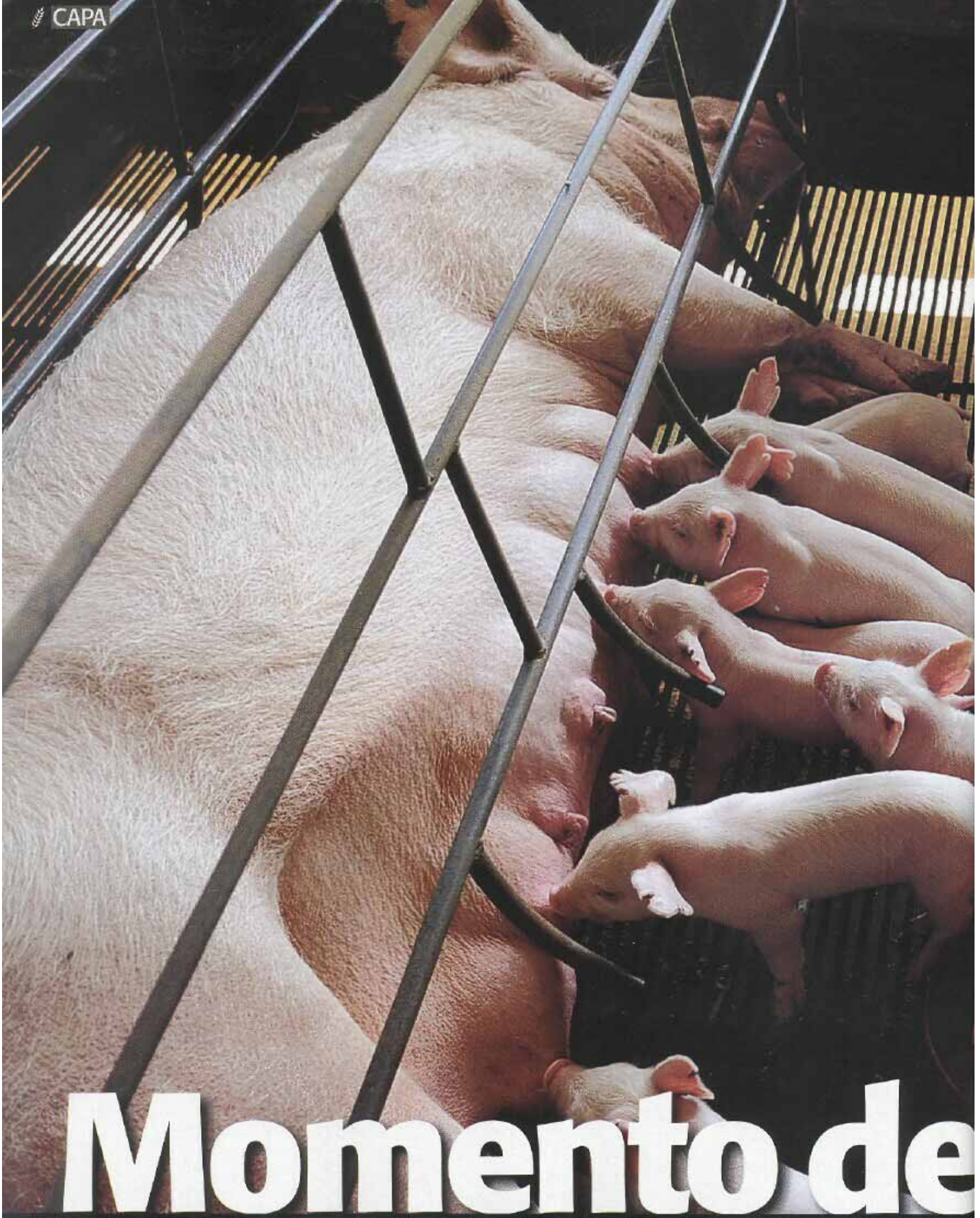
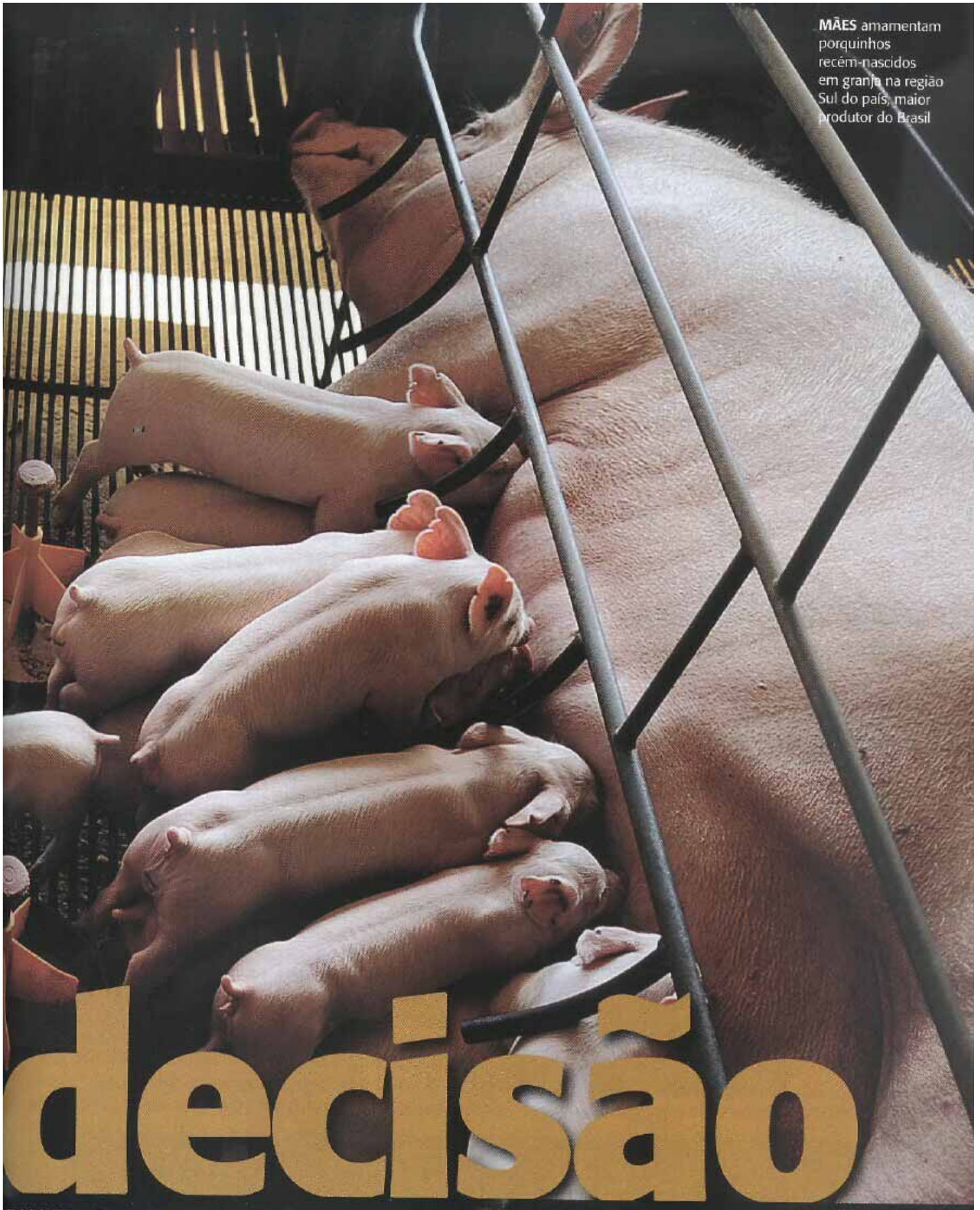


Momento de

APÓS DOIS ANOS DE PREJUÍZO, PREÇO MELHORA PARA OS PRODUTORES, M

Texto SEBASTIÃO NASCIMENTO • Fotos ERNESTO DE SOUZA



MÃES amamentam porquinhos recém-nascidos em granja na região Sul do país, maior produtor do Brasil

decisão

DIANTE DA CRISE DO MERCADO FINANCEIRO, O CENÁRIO É DE CAUTELA

SAO 11 HORAS E 30 MINUTOS DE UMA MANHÃ DE OUTUBRO EM CONcórdia, no oeste de Santa Catarina, e as plantações de erva-mate, típicas da Região Sul do País, estão abundantes e viçosas. Rodrigo Pizzato, 21 anos, descalça o par de botas, troca o uniforme pelo jeans, almoça rapidamente e, ao meio-dia, ruma para Xanxerê, cidade onde faz o terceiro semestre de veterinária. Percorre 100 quilômetros só de ida por uma estrada esburacada e tortuosa, retornando para casa às 21 horas, a tempo de jantar, estudar um pouco e resolver as pendências da Granja Pizzato, onde auxilia o pai, Antônio, na criação de leitões. Às 6 horas, o rapaz recomeça tudo.

O esforço tem ura **objetivo:** futuramente, ele irá substituir Antônio Pizzato, 57 anos, na condução da granja, que produz 20 mil leitõezinhos/ano e que deve chegar a 25 mil em 2009. O pai completou 31 anos à frente de um trabalho de modernização que tomou o estabelecimento um cartão-postal da suinocultura em Concórdia, devido à organização, limpeza e qualidade do plantei. Antônio, sangue italiano num pedaço do Brasil que acolheu também alemães, poloneses, entre outros povos, quer transferir a Rodrigo o comando que já havia lhe sido passado pelo pai há décadas. "Tudo somado, dá um século de perseverança", diz.

Antônio, sua esposa Nilma, Rodrigo e seis funcionários tocam a granja de mil matrizes, que geram os leitões num ritmo fabril. "É o retrato do avanço da suinocultura no país, que une tradição e luta das famílias com a vocação para uma atividade cheia de altos e baixos", diz Antônio. Ele gasta 2 mil reais/mês com o estudo do filho e revela que o sono dele e da mulher só chega quando escutam o ruído de Rodrigo abrindo a porteira à noite.

Como na Granja Pizzato, que opera no sistema integrado, suinocultores de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul> do Paraná, de Mato Grosso, de Goiás e de outros estados mostravam confiança no futuro ao final de outubro, mesrno depois de a crise financeira ter desembarcado no Brasil, espalhando incerteza e assustando o mundo com sinais de recessão.

Claro, eles sorriam também por acreditar que deixaram para trás dois anos amargos, de prejuízos, superados a partir de maio último, quando voltaram a uni lucro tímido. Em Santa Catarina, maior estado produtor, com 25% do total de abates de todo o país, o suinocultor integrado a empresas como Sadia e Aurora recebia 2,70 reais pelo quilo, em comparação a 1,50 real em igual período do ano passado. Já o chamado produtor independente obtinha 3,25 reais/quilo. Enquanto isso, a cotação do milho, que responde por 80% da ração nas granjas, declinou e está facilitando ávida dos produtores, ao contrário de países como EUA e China, nos quais o insumo é escasso. Em Mato Grosso, onde novas plantas estão sendo erguidas no rastro das fartas lavouras de grãos, corno soja e milho, as despesas caíram 10% até outubro em relação aos dez primeiros meses de 2007.

ANTONIO Pizzato comanda um criatório-modelo na cidade de Concórdia

Mas a atividade vive uma fase decisiva. Estudos das associações de suinocultores de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, os dois maiores celeiros de carne suína do país, concluíram que diminuiu o número de jovens como Ricardo Pizzato,

AS PROPRIEDADES SULINAS TEM MEDIA DE **20 HECTARES** MUITO 1S E SÃO CONDUZIDAS FAMILIARMENTE. EM MATO GROSSO E GOIÁS, GRANJAS OCUPAM ÁREAS DE MAIOR DIMENSÃO

NOVOS TEMPOS. Os mal-afamados "chiqueirões" dão lugar a granjas limpas e bem cuidadas 24 horas por dia

que preferem escrever sua história no campo. Por essa razão, a média de idade dos que conduzem as granjas sulinas subiu nos últimos anos e está em torno de 47 anos. Por outro lado, em Goiás e Mato Grosso, o número de suinocultores está aumentando e a produção acelera devido ao custo mais baixo da comida. Em Mato Grosso, maior produtor nacional de grãos, a quantidade de matrizes era de 22 mil em 2002 e saltou para as atuais 86 mil cabeças. Elas compõem o plantei de 250 produtores registrados na associação matogrossense, mas no total são 600 os proprietários de granja no estado. Em outubro, a saca de milho custava 13,50 reais em Rondonópolis. Em Concórdia, 25 reais. As informações foram dadas pela Associação dos Criadores de Suínos de Mato Grosso, que espera alojar até 110 mil matrizes num prazo de dois anos. Segundo a entidade, em sua maioria, as granjas funcionam nas fazendas de soja e de milho, o que agrega valor, e há muito produtor gaúcho que para lá migrou.

Volmir de Souza, presidente da Associação Catarinense de Produtores de Suínos, mostra preocupação com a média de idade dos suinocultores em seu estado. "A maioria dos filhos não está assumindo o comando das granjas e pelo menos 50% dos estabelecimentos podem ficar sem sucessores no futuro. Realmente é um momento decisivo, pois a suinocultura caminha bem no Brasil." Ele lembra que a "fuga" dos jovens ocorre ao mesmo tempo em que se desenha um "panorama favorável", com a modernização do setor, o aumento de produtividade dos planteis e a conquista do mercado internacional. Volmir tem exemplo em sua própria casa. De seis irmãos da família, só ele permaneceu na granja.

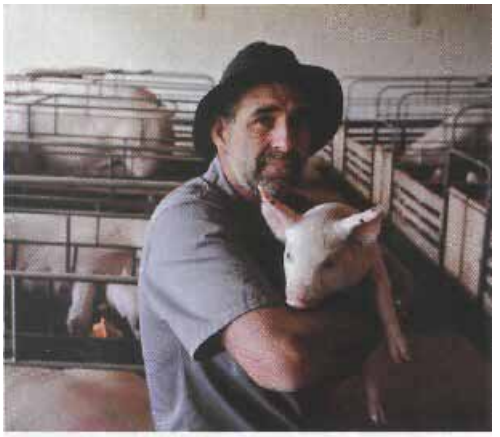
No país em geral, as expectativas para exportação, produção, produtividade dos animais e até para consumo interno, que hoje é de apenas 13 quilos por brasileiro, são otimistas. Quanto ao preço do quilo, que leva ânimo às granjas, ele pode cair ou subir nesse segmento extremamente volátil da pecuária, conforme os seus próprios fazendeiros declaram.

No caso das exportações, o presidente da Abipecs - Associação Brasileira das Indústrias Produtoras e Exportadoras de Suínos, Pedro de Camargo Neto, espera para este ano uma receita de l,7bilhão de dólares, 450 milhões acima do 1,25 bilhão de dólares do ano passado. Camargo se baseia na subida dos valores internacionais da carne suína, que devem se manter pelos próximos anos. Setembro fechou com um faturamento de US$ 156,48 milhões em exportações, expressivos 63,33% acima do mesmo mês em 2007, enquanto o volume - 49.066 toneladas - caiu 1,53%, uma constante nos últimos meses. Sabe quanto evoluíram as vendas externas de carne suína nos últimos dez anos? 709%, mesmo sem acesso aos países de renda elevada. É um fato, avaliza a Abipecs.

Camargo Neto diz que é prematuro opinar sobre os efeitos da turbulência financeira na seara agropecuária, "É preciso cautela para não gerar nervosismo. Nossa atividade é de longo prazo, pois produzimos alimentos, bens essenciais que certamente serão afetados, mas em grau muito menor." Em tempo: a conjuntura atual é favorável, diz. a entidade.

Para Valdecir Folador, süinocultor independente em Barão de Cotegipe, pequeno vilarejo incrustado nas montanhas do Rio Grande do Sul, que preside a Associação de Criadores de Suínos daquele estado, acrise assusta

A CRIAÇÃO CRESCE A GALOPE EM MATO GROSSO E GOIÁS, NO RASTRO DAS LAVOURAS DE GRÃOS, QUE BAIXAM O CUSTO DA COMIDA. NO SUL, PRODUTIVIDADE AUMENTA, PORÉM FILHOS **DEIXAM GRANJAS**



MAURO Zanpieron, da Copérdia, saiu do prejuízo

no curto prazo. "Num primeiro momento, os reflexos serão negativos, pois os países importadores precisam de financiamento." Passado o baque inicial, Folador diz que pode haver retração no consumo de alimentos em 2009, estancamento jamais. "Comprar carro é uma coisa; comida é completamente diferente", enfatiza o líder dos produtores do principal estado exportador. Ele faturou 484,5 milhões de dólares de janeiro a agosto deste ano - 399,8 milhões de dólares em igual período em 2007 -, abateu 7,3 milhões de cabeças no ano passado e tem expectativa de chegar a 7,8 milhões em 2008. Santa Catarina, líder em produção e abate, ainda não consegue exportar para a Rússia, que fica com a maior fatia das vendas externas brasileiras.

Mauro Zanpieron, 51 anos de vida e de experiência com a suinocultura, é um homem de muita paciência e mantém seus olhos focados no futuro. Ele investiu e perdeu 300 mil reais para manter sua granja ativa na zona rural de Concórdia nas difíceis temporadas 2006/2007. "Eu gosto muito do que faço. Com a criação retirei recursos para estudar meus dois filhos, adquirir seis caminhões que prestam serviço na região e um supermercado de médio porte no bairro." Zanpieron diz que aprendeu a administrar o estabelecimento não pensando no preço somente. Foi atrás de tecnologiae de genéticae tornou o negócio competitivo. "Hoje resolvo bem a questão dos altos e baixos constantes da nossa profissão." Seu lema é persistir sempre, afirma.

Zanpieron é associado à Copérdia, cooperativa de Concórdia. Faz desde a inseminação das 300 matrizes até a engorda. A média é de 15 partos semanais e a expectativa é de saltar para 18 partos. A Copérdia lhe fornece uma boa assistência técnica e entrega na propriedade a saca de milho a 25 reais contra os 34 reais de dezembro passado.

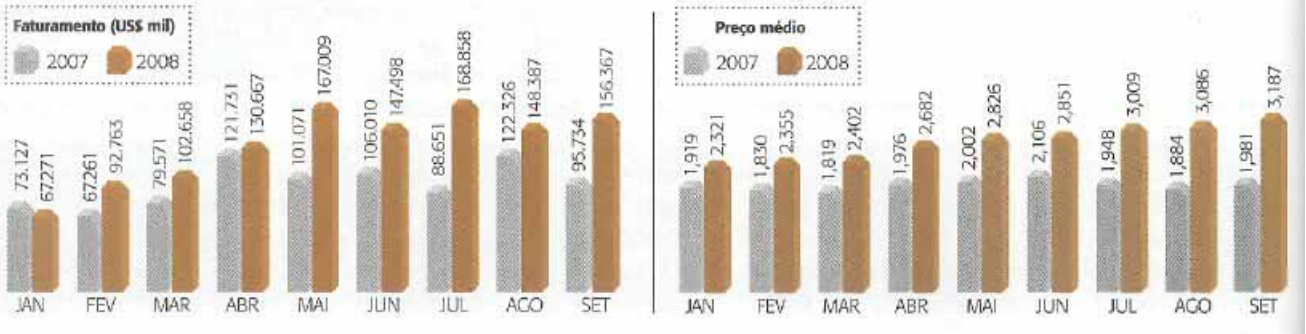
A Granja Zampieron é produtora de genética e está lucrando. Vende matrizes que transportam a qualidade para outros planteis. "É um trabalho de multiplicação de genética. As fêmeas que correspondem às nossas expectativas em quesitos como aprumos, tetas, são ofertadas quando pesam 100 quilos. As reprovadas vão para o abate", afirma o suinocultor. São produzidos também leitões, Os machinhos permanecem na granja até os 22 quilos. Ern seguida, seguem para a Copérdia, que os repassa para outros produtores encarregados de engordá-los até os 100 quilos. É a chamada parceria, sinônimo de sucesso na suinocultura de Santa Catarina.

Feliz, Zanpieron, filha fisioterapeuta com clínica na cidade e filho o auxiliando no campo, consegue um bruto de 150 mil reais/mês. Tirando as despesas, sobram 20 mil reais. "Em pouco tempo, recupero os 300 mil reais de prejuízo da fase ruim", afirma ele, que não esconde o temor diante da tempestade financeira, mas ressalva que não lhe diz respeito, já que é um homern da produção.

Do outro lado da fronteira, Valdecir Folador, 37 anos, herdou do pai, junto com os irmãos Flávio, 30, e Vanderlei, 22, a granja que leva o sobrenome da família. O pai, hoje aposentado, formou mais um elo na corrente secular,

Exportações de carne suína aumentam

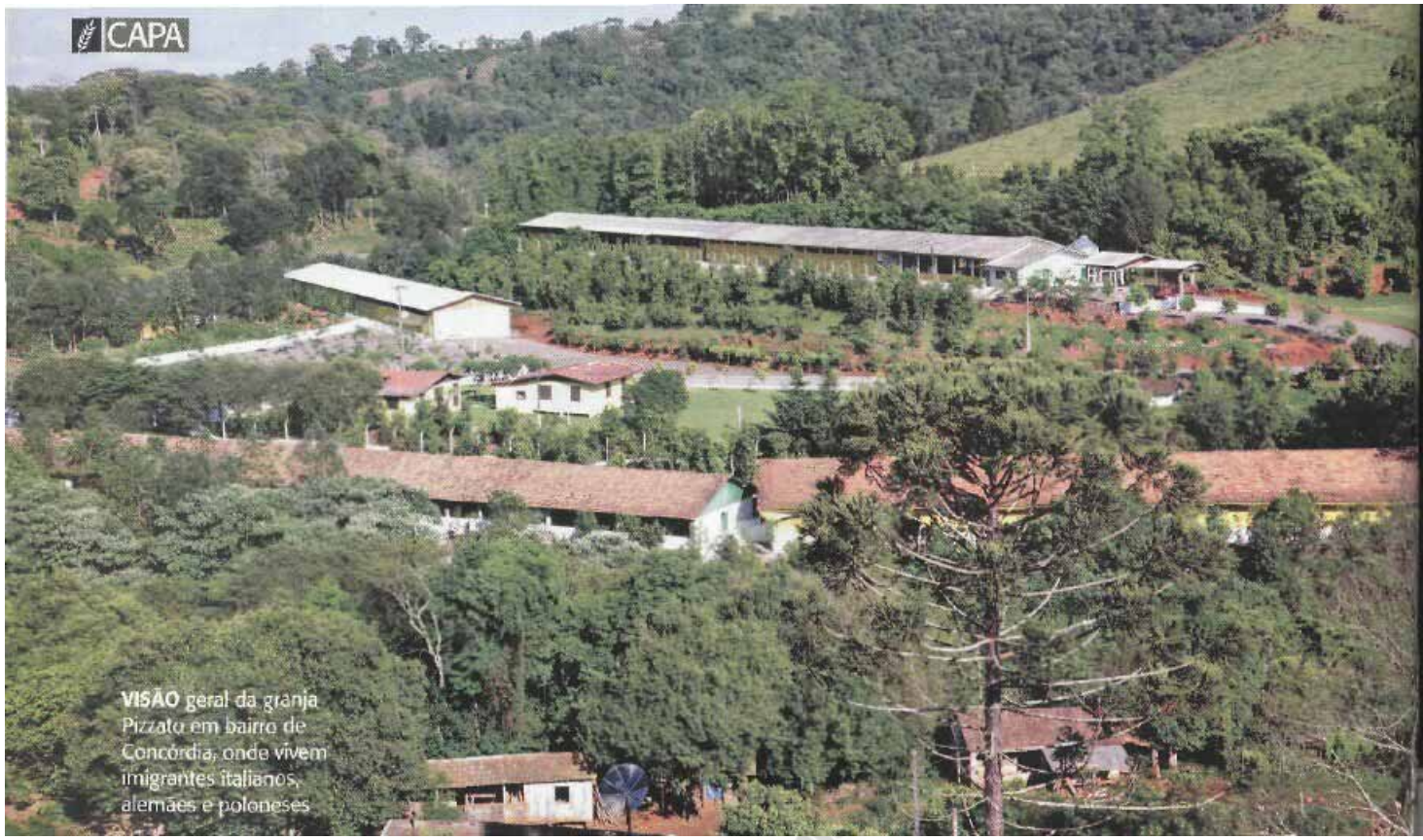
(Jan a set de 2008 X jan a set 2007)



De olho na Ásia

Os exportadores de carne apontam a mira para os mercados da China, do Japão e da Coréia do Sul. O processo é lento e um passo relevante foi dado no mês passado com a vinda de uma comitiva chinesa ao Brasil para inspeção em granjas dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás e Mato Grosso do Sul.

A previsão era de os chineses passarem dez dias nas estradas, diz Inácio Kroetz, secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura. O Brasil firmou protocolo de intenções com a China em 2007 após rodadas de discussões. Segundo Kroetz, o país asiático quer facilitar o fluxo comercial e suas autoridades emitiriam parecer oficial no término da missão. Rússia e Hong Kong são os principais compradores de carne suína.



VISÃO geral da granja Pizzato em bairro de Concórdia, onde vivem imigrantes italianos, alemães e poloneses

pois recebeu a propriedade do avô dos três atuais administradores. Lá é feito o ciclo completo, desde a inseminação da matriz até a venda dos animais gordos. São 400 as matrizes na produção e os irmãos recebiam 3,30 reais pelo quilo, o que lhes garantia uma margem de 0,80 centavos de real no final de outubro. Dificilmente, segundo Valdecir Folador, essa cotação perde totalmente o fôlego neste ano. "Daqui a pouco é Natal."

VOLMIR DE SOUZA preside a associação catarinense

A área é de 50 hectares. No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, as propriedades são pequenas, em média 20 hectares bem aproveitados. Os Folador estão satisfeitos com o modelo independente de gerir a granja, apesar de o sistema integrado exercer o predomínio nos dois estados sulinos - de 60% a 65%, segundo Valdecir.

As granjas de suínos, no Brasil, operam de duas maneiras: as integradas, que são aquelas que assinam um contrato com as empresas e não sofrem flutuações em suas receitas, apesar de receberem menos pela carne, e as independentes, cuja remuneração é superior, mas estão sujeitas ao risco. Até outubro, os dois modelos davam lucros aos seus proprietários. Pedro de Camargo Neto credita ao trabalho integrado o salto de modernização que as granjas deram nos últimos anos. Mas o dirigente freconhece que "ser independente também pode ser bom". "O importante é o produtor reconhecer que corre maior risco. Pode tanto ganhar mais em determinados momentos como enfrentar sozinho as crises."

O presidente da Associação Catarinense de Produtores de Suínos, Volmir de Souza, e o gaúcho Vaídecir Folador defendem um modelo de integração mais abrangente, com produtores e indústrias dividindo os custos e os ganhos em todas as etapas da cadeia. "Compare o abismo entre o preço recebido nas granjas com o pago pelo consumidor nas gôndolas ou então com o lucro do exportador", diz Volmir.

Segundo Volmir, mais de 80% da produção de carne suína nacional

O PRESIDENTE DA ABIPECS, PEDRO DE CAMARGO NETO, ACREDITA NO **INCREMENTO NO CONSUMO** INTERNO DE CARNE SUÍNA AINDA NESTE ANO, POIS A RENDA DOS BRASILEIROS **MELHOROU**

VALDECIR Folador cuida do plantel com os irmãos Flávio e Vanderlei no Rio Grande do Sul

ABATES EM SC E RS EM 2007*	
Santa Catarina	7,7 milhões
Rio Grande do Sul	7,3 milhões

ABATES NO PAÍS*	
2006	30.724 milhões
2007	31.806 milhões

é consumida internamente, mas a média per capita é baixa, 13 quilos. Peças de divulgação são corriqueiras e o consumo continua patinando. Ele entende que as indústrias têm uma parcela de culpa. "Elas deveriam divulgar a marca do produto em conjunto com o tipo de carne usado na sua fabricação. Muita gente come embutidos sem saber que eles levam carne de porco na sua composição."

Pedro de Camargo Neto, da Abipecs, acredita que, em função da renda dos consumidores, o crescimento do consumo é a variável mais importante do momento. "O brasileiro vai consumir muito mais carne suína em 2008, superando os 13 quilos demandados em 2007", diz. Nos estados do Sul, a média per capita chega a 23 quilos.

Exportações para mercados exigentes, apuro no paladar do brasileiro, entre outros fatores, determinaram as mudanças rápidas e para melhor nas granjas. O "porco banha" ainda não morreu, mas dificilmente é visto nas propriedades mais modernas. Mauro Zanpieron lembra que antigamente a espessura do toucinho chegava a três ou quatro centímetros e foi reduzida a menos de um centímetro atualmente. "Meu pai tirava 30 quilos de banha do porco. Hoje, um animal dá cinco quilos, pois o mercado exige o suíno light."

Presidente da Copérdia, Valdernar Bordignon diz que a preocupação com o meio ambiente também é grande nas granjas. Segundo ele, em. Santa Catarina os estábulos obrigatoriamente são construídos a 30 metros de rios ou riachos. Já os dejetos são transformados em adubos e esparramados nas lavouras. Há projetos para que sejam embalados e vendidos, gerando assim um ganho extra às granjas. "É necessária uma vigilância constante, mas os produtores assimilam em grande número as exigências ambientais", afirma.

Valdernar preside urna entidade formada por 9 mil associados. Gente do leite, das aves e dos suínos. Ele acredita que "se a crise financeira não atrapalhar" e os produtores continuarem seus investimentos na modernização das granjas suínas, os objetivos traçados para os próximos anos serão alcançados.

O porco light da Embrapa

Muito atuante na região, a Embrapa Suínos e Aves desenvolve um porco líght desde 1996. Lançado recentemente em sua terceira versão, ele foi batizado de MS 115 e, segundo a Embrapa, mantém o alto percentual de carne magra do MS 58, seu parente de 12 anos de idade. A Embrapa assegura que o MS 115 melhora a produtividade do plantei no que diz respeito a exemplares mais pesados no abate. Ele é muito requisitado nas granjas da região e tem a vantagem de ser mais barato, pois o objetivo da Embrapa é tornar os reprodutores de qualidade acessíveis aos agricultores familiares.

A Embrapa de Concórdia espera um crescimento de 4,5°/o na produção de carne suína industrial neste ano.No ano passado, foram abatidos 31,8 milhões de unidades, com um acréscimo de I milhão na comparação com 2006.

E na Pork Expo 2008, evento realizado em Curitiba (PR), que efetuou uma radiografia otimista da suinocultura, analistas previram um aumento médio de produtividade ao redor de 5% neste ano. Eles atribuíram o incremento à recuperação da rentabilidade nas granjas, o que faz os produtores investirem principalmente em medidas sanitárias. Um crescimento da ordem de 5% representa quase o total da produção argentina. Informações sobre o suíno light: (049)3441-0400.

Material de uso exclusivo para fins educacionais

NASCIMENTO, Sebastião. Momento de decisão. Globo Rural, São Paulo, p. 34-41, nov. 2008.